

EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E TECNOLOGIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTAS PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

***LIBERTARIAN EDUCATION AND SOCIAL TECHNOLOGIES AS INSTRUMENTS FOR THE
AGROECOLOGICAL TRANSITION***

Renata Soares Kellermann¹

Paulo Rogério Lopes²

Resumo

A pandemia do COVID-19, assim como diversas outras doenças e mazelas que afetam a sociedade de modo crescente, denunciam uma série de ações e modos de existir e relacionar-se com o meio e os seres que nele vivem, que não se sustentam. Diante desse cenário, fica evidente a urgência de pensarmos e agirmos de modo a controlar e suprimir tais mazelas. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo sistematizar as atividades pedagógicas e trocas de experiências compartilhadas em duas Interações Culturais e Humanísticas (ICHs) que tiveram como tema central a Transição Agroecológica. Assim, por meio das ICHs, um dos módulos que compõem todas as grades curriculares dos cursos do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral), trabalhou-se com o tema da Transição Agroecológica. Tendo em vista o contexto em que vivemos, todos os encontros se deram de forma metapresencial, na modalidade conhecida como Ensino Remoto Emergencial (ERE). O propósito desses encontros foi reunir discentes, docentes, colaboradores e a comunidade não-acadêmica com comunidades (geralmente representadas por até três pessoas) que vivenciam esse processo de transição e, através dos círculos de cultura, expor e compartilhar suas experiências, de modo que essas sirvam de combustível para a transição social, ambiental, ética e econômica que a Terra e, principalmente os setores menos assistidos e favorecidos da sociedade, clamam.

Palavras-chave: Agroecologia; espaços pedagógicos; instrumentos sociais; metodologias participativas.

* **Artigo Original:** Recebido em 18/10/2021 – Aprovado em 18/11/2021.

¹ Graduanda em Tecnologia em Agroecologia, bolsista do Projeto de Extensão Tecnologias Sociais para a Promoção da Soberania e Segurança Alimentar no Litoral do Paraná, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral), Matinhos /PR, Brasil. e-mail: kellermannrenata@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5649-8993> (autor correspondente)

² Professor coordenador do curso de Tecnologia em Agroecologia (UFPR Litoral), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável (UFPR Litoral), professor do Programa de Pós-Graduação em Biossistemas (UFSB), Matinhos/ PR, Brasil. e-mail: agroecologialopes@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1454-7202>

* **Apoio financeiro:** Bolsa proveniente da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná.

Abstract

The COVID-19 pandemic, as well as several other diseases and ailments that increasingly affect the society, denounces lots of actions and ways of existing and relating to the environment and the creatures that live in it, that do not sustain themselves. Given this scenario, the urgency of thinking and acting in order to control and suppress such problems is evident. So, this article aims to systematize the pedagogical activities and experiences shared in two Cultural and Humanistic Interactions (ICHs) that the central theme was the Agroecological Transition. Thus, through ICHs, one of the modules that make up all the curriculums of courses in the Coastal Sector at the Federal University of Paraná (UFPR Litoral), the theme of Agroecological Transition was studied. In view of the context we live in, all meetings took place in a meta-presencial way, in the modality known as Emergency Remote Teaching (ERE). The purpose of these meetings was to bring together students, teachers, employees and the non-academic community with communities (usually represented by up to three people) who are experiencing this transition process and, through cultural circles, to expose and share their experiences, so that these serve as fuel for the social, environmental, ethical and economic transition that the Earth and, especially, the least assisted and favored sectors of society, claims.

Keywords: Agroecology; pedagogical spaces; social instruments; participatory methods.

1 Introdução

O Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral) traz em seu Projeto Político Pedagógico (UFPR LITORAL, 2008), estruturado pelo Conselho Universitário da UFPR, uma proposta que rumava à educação libertáriaⁱ, e o curso de Tecnologia em Agroecologia traz esse conceito inscrito em suas práticas, com propostas que provocam a comunidade a olhar, diagnosticar, refletir e criticar a realidade, do micro ao macro.

Em diálogo com a educação popular e libertária, as Interações Culturais e Humanísticas (ICHs) são espaços pedagógicos que pretendem reunir toda a comunidade acadêmica, desde discentes de cursos variados ou em etapas diferentes do mesmo curso, docentes - também de quaisquer cursos - e colaboradores, até a comunidade não-acadêmica.

Uma ICH pode ser ofertada por qualquer membro dessas comunidades, desde que conte com um docente como proponente, sem que esse, necessariamente, desenvolva alguma atividade. As ICHs podem ter temas diversos mas, geralmente, respondem às demandas manifestadas por esses grupos.

Assim, de modo a atender às solicitações, no segundo e terceiro ciclo do Ensino Remoto Emergencial (ERE), de novembro de 2020 até agosto de 2021, foram trabalhadas duas ICHs com o tema Transição Agroecológica. É notável mencionar que, apesar de as duas ICHs possuírem o mesmo tema, elas tiveram focos diferentes. No Quadro 1 estão evidenciados os focos de cada uma, além do número de pessoas e cursos que as compuseram, o período em que se deu, bem como a quantidade de experiências socializadas.

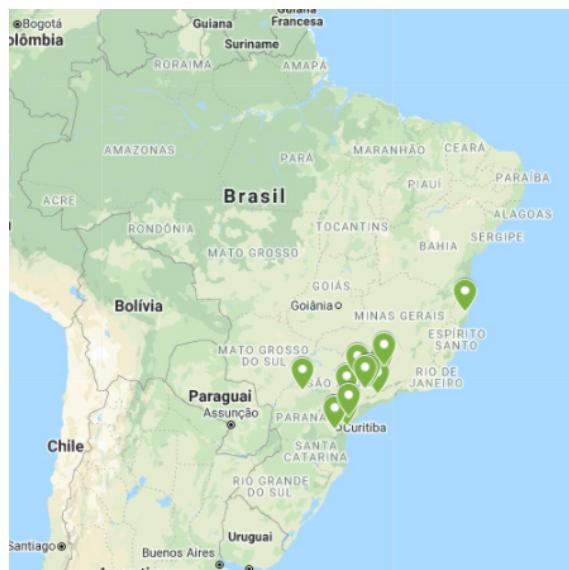
Quadro 1 – Interações Culturais Humanísticas: Encontro Remoto Emergencial (ERE) 2/ ERE 3

| Tema/horário | Transição Agroecológica no Brasil (10h-12h) | Transição Agroecológica: criação de animais de pequeno porte (19h-21h) |
|---------------------------------|--|--|
| Membros e convidados | 13 | 51 |
| Quais cursos/profissões | Licenciatura em Artes; Tecnólogo em Agroecologia | Ciências Ambientais; Engenharia Agronômica; Engenharia Florestal; Gestão Ambiental; Saúde Coletiva; Serviço Social; Tecnólogo em Agroecologia; Pós Grad. Meio Ambiente e Desenvolvimento; Prof. 3º grau; Prof. Ens. Superior |
| Nº de experiências socializadas | 10 | 9 |

Nota: na ICH “Transição Agroecológica no Brasil”, no ponto “membros e convidados”, estão contabilizados o número de estudantes matriculados que participaram ativamente dos encontros. Já na ICH “Transição Agroecológica: criação de animais de pequeno porte”, estão contabilizados o número de estudantes matriculados, bem como o de convidados, que compareceram a algum ou a todos os encontros.

Nas Figuras 1 e 2, estão mapeados os lugares onde as experiências se deram e se dão, sendo que a aproximação é a única diferença entre elas.

Figura 1 – Locais onde ocorreram as experiências agroecológicas partilhadas



FONTE: Organizadas pelos Autores, 2021.

Figura 2 – Locais onde ocorreram as experiências agroecológicas partilhadas (aproximado)



FONTE: Organizadas pelos Autores, 2021.

Figura 3 – Local onde situa-se a UFPR Litoral



FONTE: Organizadas pelos Autores, 2021.

Ademais, na perspectiva de instrumentalizar-se pedagogicamente e materialmente para refletir e agir em torno da transição agroecológica, trabalhou-se em ambas as ICHs com diversas tecnologias sociais, que nada mais são que métodos, técnicas, produtos ou processos simples, de baixo custo e de fácil aplicabilidade que, adaptados às características locais, servem para solucionar algum tipo de problema social. Os encontros se deram com o auxílio de metodologias participativasⁱⁱ, que também são entendidas como tecnologias sociais, visto que são ferramentas simples e que facilmente podem ser ajustadas a inúmeras realidades. Do ponto de vista material, tecnologias sociais que atendem desde questões sanitárias até questões estruturais foram compartilhadas, fazendo desses encontros círculos de culturaⁱⁱⁱ riquíssimos.

2 Desenvolvimento

2.1 Contextualização

A UFPR Litoral situa-se em Matinhos, cidade litorânea paranaense, que ocupa uma área de 117,899 km², correspondente a 2% de todo o litoral e conta com uma população estimada de 35.219 habitantes (IBGE, 2020). A cidade passou por um aumento populacional significativo nos últimos 10 anos e, de acordo com Horochovski (2007, p.140),

as principais razões desse crescimento foram o “boom” imobiliário (...), a permanência no município de contingentes de trabalhadores e famílias que vão buscar alternativas temporárias de trabalho e renda nas temporadas de verão e a absorção de parte do próprio aumento da Região Metropolitana de Curitiba, com a qual o litoral paranaense estabelece intensa complementaridade.

Além disso, o grande fluxo de pessoas de maior idade e a instalação do campus da UFPR no litoral contribuíram para esse crescimento.

Andreoli (2007, p. 55) infere que uma das principais atividades comerciais da região é o turismo e, por tal atividade exigir retorno rápido de investimentos, as questões de proteção ambiental não são consideradas

corretamente, colocando em risco atividades “secundárias”, como a pesca artesanal e a agricultura. Ademais, em alta temporada, o acúmulo de lixo e a venda de artesanato local, por exemplo, contribuem para mudanças significativas no cenário permanente do local, tanto positivas quanto negativas.

As consequências do descaso ambiental e social, de modo geral, ultrapassam a realidade das famílias de pescadores artesanais e agricultores, expressando-se nas cada vez mais comuns e letais catástrofes ambientais, na miséria crescente e nas doenças neurológicas, degenerativas e crônicas relacionadas ao uso extensivo de agrotóxicos, por exemplo. Frente a esse cenário, é inegável a necessidade de rever nossos passos como indivíduos e humanidade, habitantes e parte desse organismo Terra e traçar novos caminhos.

2.2 A Transição Agroecológica

Enquanto ciência, movimento e prática, a Agroecologia sugere que para reverter, ou ao menos abrandar, os sintomas frutos da situação calamitosa que proporcionamos e vivemos, é necessário que vivenciemos um profundo processo de transição, que compreende as dimensões social, política, cultural, econômica, ambiental e ética que nos perpassam. Esse é um processo contínuo, que tem início, mas não tem fim, visto que todas as esferas mencionadas não são estáticas e, da mesma maneira, nenhum processo que as considere, poderia ser. É nesse sentido que a ICH com o tema de Transição Agroecológica vem sendo ofertada desde 2020.

De acordo com o professor doutor Francisco Roberto Caporal (2015), no vídeo “O que é Transição Agroecológica”, transmitido na série Conversas sobre Agroecologia pela Rádio Web Agroecologia, transição agroecológica se refere à transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencional (pautada pela intensa utilização de agroquímicos) para estilos de desenvolvimento e de agriculturas mais sustentáveis - enfatizando a palavra agriculturas no plural, visto que a Agroecologia não prega um modelo, mas todos os tipos de agriculturas quanto forem os agroecossistemas^{iv} e suas especificidades.

Para isso, a Agroecologia articula conhecimentos de diferentes ciências, como a Ecologia, a Sociologia, a Antropologia, a Economia Ecológica e a Física,

caracterizando-se, assim, pela transdisciplinaridade. Por conseguinte, a transição é entendida como um processo gradual e multilinear de mudança que ocorre ao longo do tempo e em função das modificações que vão ocorrendo nos agroecossistemas, levando em conta seus aspectos físicos e humanos, pois pensar a Agroecologia e a transição ambiental e social que a mesma propõe, implica pensar numa mudança de atitudes e valores das pessoas que compõem tais agroecossistemas.

Assim sendo, Caporal (2009) também nos diz que a Agroecologia constitui-se em um campo do conhecimento científico que parte de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica e, dessa maneira, tenciona auxiliar de modo que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social e ecológica, nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência.

Gliessman (2000), por sua vez, caracteriza a perspectiva agroecológica como a aplicação dos princípios e conceitos da Ecologia no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis. Tal enfoque supõe uma ação que parte do conhecimento local e objetiva integrá-lo ao conhecimento científico, transcendendo os meios puramente acadêmicos e incorporando a transição agroecológica desde e considerando a sua base. Para esse mesmo autor, as agriculturas mais sustentáveis são aquelas que são capazes de satisfazer, integradamente, os critérios a seguir: a) baixa dependência de insumos comerciais; b) uso de recursos renováveis localmente acessíveis; c) utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; d) aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente; e) manutenção, a longo prazo, da capacidade produtiva; f) preservação da diversidade biológica e cultural; g) utilização do conhecimento e da cultura da população local; e h) produção de mercadorias para o consumo interno antes de produzir para a exportação.

Já Guzmán e Molina (2005) enfatizam que a Agroecologia se baseia na ação social coletiva e que essa constitui um processo de identificação mútua que se desdobrará, dentre outras coisas, em ações vinculadas ao manejo dos recursos naturais. Ainda, os autores pontuam que

(...) a Agroecologia se enfrenta ao falso discurso científico que legitima

à agricultura industrializada, difundindo a biotecnologia como paradigma hegemônico e proclamando a necessária prioridade dos cultivos transgênicos. Com isso se desloca a outros enfoques mais integradores e holísticos desencadeando os processos de degradação da agricultura e a sociedade que combate a Agroecologia. (GUZMÁN; MOLINA, 2005, p. 14).

Por fim, a respeito dos aspectos “sociais” englobados pela Agroecologia, os autores apontam como fundamental o desenvolvimento e a prática de metodologias que permitam integrar a visão da identidade local dos atores envolvidos, tidos como centrais no processo de transição agroecológica. A dimensão local é portadora de um potencial endógeno e, assim, é facilitada a implementação de estilos de agriculturas potencializadoras da biodiversidade ecológica e da diversidade sócio-cultural.

2.2.1 transição agroecológica e os espaços pedagógicos: contra-hegemonia e movimento retroalimentar

Existem numerosas experiências de transição agroecológica no Brasil e no mundo, e a ICH com foco nesse tema é um canal que permite conhecer e dialogar com algumas delas. O diálogo de saberes que esse espaço proporciona, prática da educação popular e libertária, é valioso, pois mesmo que cada experiência seja única e tenha suas características modeladas a partir do agroecossistema em questão, existem diversos pontos em comum nos processos de transição. Isso porque apesar de a agroecologia e a transição agroecológica não terem receitas, elas têm princípios. Portanto, o diálogo de saberes entre comunidades que já estão vivenciando esse processo, comunidades que ainda não estão, e mesmo comunidades que nunca ouviram falar sobre isso, é tão valioso, pois tendo estabelecidos e apreendidos os princípios desse movimento, o exemplo atua como potencializador dessa transformação. Também, revisitar o início do processo de transição, para as comunidades que encontram-se avançadas no mesmo, ajuda a reconhecê-lo, avaliá-lo e criticá-lo, permitindo entender ou mesmo resolver possíveis questões que afetem a transição no momento

presente, visto que ela é contínua e o presente é fruto do passado.

É elementar ressaltar que as pessoas são as protagonistas da transição agroecológica e, assim como os agroecossistemas são diversos, elas também o são. Dessa maneira, sendo a ICH um espaço que pretende reunir pessoas diversas, com afinidades distintas, salienta-se não só o olhar para as diversidades, mas também o encontro entre elas. Isso é importante, pois são nesses momentos de encontro que as diferenças são evidenciadas e, assim sendo, podem ser olhadas, assimiladas e consideradas com responsabilidade e compromisso. Outrossim, tendo em vista que o elemento humano é tão fundamental quanto os elementos ambientais na transição agroecológica, comprehende-se o porquê que atentar-se às diferenças das e entre as pessoas é tão fundamental para que o processo seja bem sucedido quanto atentar-se às diversidades presentes em um sistema de produção.

Além disso, as ICHs também são espaços contra-hegemônicos, visto que, enquanto na educação bancária^v perpetua-se um processo de alienação, no qual pessoas com afinidades A são colocadas de um lado diferente de pessoas com afinidades B, e suas diferenças são suprimidas, na ICH busca-se reuni-las e integrá-las. Assim também é a Transição Agroecológica. Esse movimento contra-hegemônico tem como pauta essencial a reforma agrária, o uso sustentável dos recursos da Terra e a soberania e segurança alimentar das populações. Em um sistema capitalista, onde a concentração de terra e renda torna-se cada vez maior, a utilização dos recursos naturais é feita de modo alienado e destrutivo e a soberania e segurança alimentar das populações são praticamente nulas, pensar agroecologia e traçar caminhos para a transição é algo subversivo e necessário. Subversivo porque põe em cheque maneiras de existir tidas como normais, mas que na verdade foram normalizadas para perpetuar e acentuar as mazelas sociais e ambientais em benefício dos poucos ricos que detêm a maior parte do capital do planeta; necessário porque se pretende-se dar continuidade à nossa espécie na Terra, é urgente que encontremos formas sustentáveis de relacionar-se com esse organismo.

Dessa maneira, as ICHs com foco na Transição Agroecológica e na Agroecologia possuem um papel determinante, não só na formação acadêmica como também na formação humana daqueles que delas

participam. Elas configuram-se como espaços de reflexão e de ação, pois, ao provocar e sensibilizar a sociedade em relação ao modo de vida capitalista e ao modelo de agronegócio vigente, nas tão valiosas trocas e construções de saberes, geram ações que vão de encontro a esse modo de vida e de consumo no qual se sustenta o sistema capitalista.

2.2.2 *compartilhamento de saberes: instrumentalização para fazer Transição Agroecológica*

A Revolução Verde é um triste marco na história da agricultura. Além das práticas deterioradoras que normaliza, como o uso extensivo de agrotóxicos, o maquinário caro e pesado, o uso de sementes geneticamente modificadas e a monocultura, ela também “apaga” ou “rouba” as memórias de diversas etnias que tinham a agricultura incorporada em suas histórias. Isso é expressado pelo enorme êxodo rural, consequência da expulsão de pequenos proprietários e trabalhadores rurais que não possuíam aparatos financeiros e tecnológicos para competir com grandes empresas que invadiram o campo. Ao abandonar o campo e adentrar o subúrbio em busca de “uma vida melhor”, abandonaram-se também inúmeras práticas da agricultura tradicional que, forçosamente, cederam lugar à agricultura convencional.

Esse processo muito assemelha-se à colonização e, sobre isso, Leonardo Boff (1997) infere que:

Toda a colonização - seja antiga, pela invasão dos territórios, seja a moderna, pela integração forçada ao mercado mundial - significa sempre um ato de grandíssima violência. Implica o bloqueio do desenvolvimento autônomo de um povo. Representa a submissão de parcelas importantes da cultura, com sua memória, seus valores, suas instituições, sua religião, à outra cultura invasora. Os colonizados de ontem e de hoje são obrigados a assumir formas políticas, hábitos culturais, estilos de comunicação, gêneros de música e modos de produção e de consumo dos colonizadores. (BOFF, 1997, p. 21).

Entretanto, mesmo vítimas desse violento processo, muitas práticas preservaram-se na memória daqueles que têm a sua história e as de seus antepassados entrelaçadas com a agricultura. Dentre essas práticas, as tecnologias sociais têm papel essencial e revolucionário na transição agroecológica.

Assim expressando-se como espaços de reflexão e ação, as ICHs permitem o compartilhamento de diversas tecnologias sociais utilizadas pelas comunidades ou indivíduos que, de alguma forma, articulam-se com a transição agroecológica. Os encontros das duas ICHs já mencionadas deram-se de forma metapresencial e contaram com a participação ativa de convidados de diferentes lugares do Brasil,

que compartilharam suas experiências através do diálogo, representações gráficas, fotos, vídeos, entre outros. No início dos encontros, aqueles que partilharam suas experiências de transição apresentavam a si, bem como o território onde a experiência se deu e/ou se dá. Depois, falava-se mais detalhadamente sobre as experiências, e era esse o momento onde as metodologias e tecnologias adotadas pelas comunidades em questão eram compartilhadas de modo mais explícito. Por fim, abriam-se momentos para perguntas, reflexões e considerações dos presentes. Nos Quadros 2 e 3 estão elencados o título de cada encontro e as principais tecnologias sociais compartilhadas.

Quadro 2 – ERE 1: Transição Agroecológica no Brasil

| Experiência de transição | Tecnologia social abordada |
|---|--|
| Pré-assentamento José Lutzenberger – Antonina/ PR | Sistemas agroflorestais, hortas SAFs, variedades crioulas, cobertura morta, cobertura viva, rotação de culturas, sombreamento, consórcios, capina seletiva e cestas agroecológicas. |
| Assentamento da Lapa/PR/ Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) | Sistemas agroflorestais, plantas medicinais, hortas mandalas, agrobiodiversidade (sementes crioulas), agrosilvopastoril, escola itinerante, espaços educadores, plantas medicinais, acupuntura e caravanas agroecológicas. |
| Coopfam (Cooperativa dos Pequenos Agricultores Familiares de Poço-Fundo/ MG) | Cafeicultura orgânica, compostagem, bokashi, estercos, microorganismos eficientes, cobertura viva, cobertura morta, secagem artesanal, colheita artesanal, plano de transição e substituição dos insumos, sistemas agroflorestais, economia solidária, mutirões e cooperativismo. |
| Assentamentos rurais do Extremo Sul da Bahia/ Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto | Metodologia de Campesino a Campesino, “sim, eu posso”, unidades demonstrativas, agrobiodiversidade, arranjos produtivos biodiversos, práticas agroecológicas, Agroecologia no currículo das escolas municipais, Agroecologia nas escolas do campo, assentamentos agroecológicos, transição agroecológica, centro irradiador da agrobiodiversidade, Escola Popular, trabalho coletivo, mutirões e áreas produtivas coletivas. |
| Pontal do Paranapanema/SP – Café com Floresta | Sistemas agroflorestais, conservação da sociobiodiversidade, ilhas de biodiversidade, corredores ecológicos, práticas agroecológicas de manejo e conservação dos recursos naturais, trocas de sementes crioulas, mutirões, restauração ecológica e produção de alimentos agroecológicos. |
| Copavi | Sistemas produtivos agroecológicos, práticas agroecológicas de manejo, transição agroecológica, beneficiamento e agregação de valor aos produtos da reforma agrária, certificação, tecnologias de preparo de queijos, doces, compotas, aguardentes, rapaduras, iogurtes, embutidos, entre outras. |

FONTE: Organizadas pelos Autores, 2021.

Quadro 2 – ERE 2: Transição Agroecológica no Brasil: criação de animais de pequeno porte

| Experiência de transição | Tecnologia social abordada |
|---|--|
| Construção de sistemas produtivos agroecológicos - Acampamento José Lutzenberger | Produção diversificada, permacultura, criação animal e sistemas produtivos adaptados localmente. |
| A Experiência de Transição agroecológica do Sítio Yamaguishi – SP | Criação de galinhas felizes, galinheiros, berçários, rações alternativas, sistemas agroflorestais com frutíferas e leguminosas, silagem de mandioca, cochos especiais, proteção contra vento e chuva, vacinação e controle de zoonoses, homeopatia, raças, integração animal e vegetal, compostagem, adubação orgânica e transição agroecológica. |
| A experiência de transição agroecológica dos assentamentos rurais do Extremo Sul da Bahia/ Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto | Unidades demonstrativas, sistemas e arranjos produtivos adaptados localmente, círculo de cultura de Paulo Freire, campesino a campesino, sistemas agrosilvopastoris, consórcios, adubação verde, irrigação, bokashi líquido, compostagem, práticas agroecológicas, produção de mudas e modelos e planos de transição agroecológica. |
| Experiência de criação animal - sistemas agrosilvopastoris / PRV – Voisin | Pastoreio rotacionado Voisin, raças rústicas e adaptadas, rações alternativas, consórcios, práticas agroecológicas, sementes crioulas, fenação, silagem alternativas. |
| Criação de galinhas caipiras no Assentamento Bela Vista | Criação de galinhas felizes, galinheiros, berçários, rações alternativas, sistemas agroflorestais com frutíferas e leguminosas, silagem de mandioca, cochos especiais, proteção contra vento e chuva, vacinação e controle de zoonoses, homeopatia, raças, integração animal e vegetal, compostagem, adubação orgânica e transição agroecológica, comercialização, feiras livres, cooperativismo e certificação. |
| Experiência de transição agroecológica no Centro Paranaense de Referência em Agroecologia | Manejo de pastagens, PRV, homeopatias, microrganismos eficientes (EM), silagem, fenação, fitoterapia, biodiversidade, etologia animal, sistemas agroflorestais e permacultura. |

FONTE: Organizadas pelos Autores, 2021.

3 Considerações finais

Dado o exposto, entende-se que espaços pedagógicos contra-hegemônicos, que promovem o diálogo de saberes, a auto-gestão, o encontro entre diferentes realidades, entre outras, são importantes potencializadores na promoção da transição agroecológica. Inclusive, pode-se afirmar que esses dois movimentos são complementares e se retroalimentam. De um lado, o espaço pedagógico permite reconhecer, avaliar, criticar e

encontrar meios de ação para promover a transição agroecológica e, de outro, essa transição demanda compromisso ambiental e social, atenção e educação contínua. Sendo assim, evidencia-se que a transição agroecológica acontece, sim, na realidade material, mas, para isso, são necessárias a transição e a transformação de modos de pensar e existir que vão ao encontro dos interesses do capital, e os espaços pedagógicos que reúnem pessoas com diferentes experiências de vida e promovem a troca de saberes

são importantes ferramentas para que se transcendam o existir predatório no qual se sustenta o capitalismo e o agronegócio.

Por fim, todo o processo de mudança costuma ser gradual e na transição agroecológica isso não é diferente. Para que esse processo seja cada vez mais difundido e encarado, a criação e promoção de espaços pedagógicos que refletem sobre o *modus operandi* da contemporaneidade, como são as ICHs, são de grande contribuição. As ICHs, para além de espaços institucionais, são espaços de reflexão-ação, o que significa dizer que esses espaços não se limitam a um tipo de configuração; pelo contrário, tão diversas podem e devem ser suas configurações, quanto forem suas especificidades.

Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PRA: FASE, 1989.

ANDREOLI, V. **Natureza e pesca**: um estudo sobre os pescadores artesanais de Matinhos - PR. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: 2009.

CAPORAL, F. R. **Rádio web agroecologia**. O que é transição agroecológica: conversas sobre agroecologia 05. Youtube, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8WNZS0jes4s>>

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1968.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GOMES, M. A.; SOARES, N.; BRONZATTO, L. A. **Metodologias participativas, elaboração e gestão de projetos**. WWF projetos, 2015. Disponível em: <https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/manual_metodologias_participativas_v4.pdf>

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução e o conceito de campesinato**. Brasília: Via campesina do Brasil, 2005.

HOROCHOVSKI, R. R. **Desatando nós**: associativismo civil, democracia e empoderamento na colônia de pescadores de Matinhos, Paraná. 265 fl. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Matinhos**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/matinhos.html>>. Acessado em 26 de novembro de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, SETOR LITORAL – UFPR LITORAL. **Projeto Político Pedagógico**: Universidade Federal do Paraná: Setor Litoral, 2008. Disponível em <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projeto-politico-pedagogico/>>

ⁱ Educação libertária: Para Paulo Freire (1967), é a educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação e que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. Ela propõe ao sujeito uma postura de auto-reflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço. Auto-reflexão que o levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectador, mas como figurante e autor.

ⁱⁱ Metodologias participativas: Gomes, Soares e Bronzatto (2015) depreendem que os sujeitos sociais participam ativamente dos processos de avaliação, planejamento e intervenção. Seus conhecimentos e experiências são valorizados e todos são envolvidos nas discussões. Assim, amplia-se o grau de análise sobre a realidade a partir de um amplo leque de explicações e percepções sobre uma dada situação.

ⁱⁱⁱ Círculo de cultura: método trazido por Paulo Freire (1967) no qual assume-se a construção do conhecimento a partir do diálogo, da participação e do respeito. Para Freire (1967), “o círculo se constitui em um grupo de trabalho e de debate (...), o que fundamentalmente importa é que estes

homens particulares e concretos reconheçam a si próprios, no transcurso da discussão, como criadores da cultura”.

^{iv} Agroecossistema: é a unidade fundamental de estudo, nos quais os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações sócio-económicas são vistas e analisadas em seu conjunto. Sob o ponto de vista da pesquisa agroecológica, seus objetivos não são a maximização da produção de uma atividade particular, mas a otimização do agroecossistema como um todo, o que significa a necessidade de uma maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações existentes entre as pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais (ALTIERI, 1989).

^v Educação Bancária: Para Paulo Freire (1968), “em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.